

O INDÍGENA*

Silvio Meincke

Terra para nós indígenas

é terra com mata.

Luís Salvador

Luís Salvador vive em ritmo de espera. Está acampado com cerca de trinta famílias em cima de um hectare e meio de terras, na localidade de Rio dos Índios, no município de Vicente Dutra. Seu grupo pertence ao Povo Kaingang. Quando vier a licença para entrarem

na área que pertenceu a seus antepassados, Luís quer dar à terra o tempo necessário para sarar as feridas que foram abertas nela.

Recentemente, o Governo Federal definiu e demarcou 718 hectares como área indígena. O grupo aguarda a finalização do levantamento fundiário, para que os agricultores brancos sejam indenizados, e os índios possam morar na área. O vice-cacique vive sonhando com a fartura que a terra poderá dar ao seu povo quando for bem tratada e sua vegetação estiver recuperada.

Vicente Dutra, município em que se situa a Terra Indígena Rio dos Índios, localiza-se no Norte do Rio Grande do Sul, às margens do Rio Uruguai. Pude ouvir o depoimento de Luís Salvador com a intermediação de Sandro Luckmann, que faz parte da equipe do Comin – Conselho de Missão entre Índios, da IECLB.

* * * * *

Meu avô morreu com 115 anos de idade quando eu era um menino de doze anos.

Aprendi muitas coisas boas com ele. Dizia que os brancos estavam ferindo a terra e que

isso não era bom; que eles derrubavam as matas, expulsavam os animais, limpavam seus

roçados com fogo e sujavam as águas; que estavam ofendendo a terra.

Quando meu avô partiu, minha mãe me lembrava das suas palavras. Ela pedia que eu

estudasse bem a nossa cultura para defender a terra e a natureza. Somente assim o nosso

povo poderia sobreviver.

– Defende teu espaço – ensinava minha mãe –, fica ao lado do teu povo e preserva

sua cultura.

Estou seguindo estes conselhos e me empenhei para reaver essa área de Rio dos Índios. Enquanto não temos licença para morar dentro da área, ajudo meu grupo a sobreviver nesse pequeno pedaço provisório que mede menos de dois hectares.

Já estamos planejando como iremos tratar a terra quando tomarmos posse dela. A maior parte da área está desmatada, e restam poucas árvores. Foi jogado muito agrotóxico. Ervas nativas de grande valor foram destruídas, e fontes e córregos estão envenenados.

Iremos dar força à terra com adubo verde e esperar que ela se limpe dos venenos. Vamos replantar árvores de todas as espécies nativas e esperar que a mata volte com toda sua fartura.

– Terra boa para nós indígenas é terra com mata – dizia minha mãe.

Por isso, iremos usar apenas uma parte da terra para plantar nossos alimentos. Já temos uma horta com aipim, batata-doce, milho, verduras e árvores frutíferas. Também queremos criar peixes e pequenos animais, mas vamos plantar e criar animais somente para consumo próprio, pois importa preservar a mata.

A mata nos dá quase tudo que necessitamos para viver. Nosso povo fica saudável quando vive na mata e pode colher os frutos da sua fartura. Aqui, ela foi destruída e, junto com ela, sumiu o pinhão, que foi um alimento importante dos nossos antepassados. Desapareceram todos os animais de porte grande e muitos pequenos. Sobraram poucos pássaros, e, por fim, os venenos mataram muitas plantas úteis, que nos serviam de alimento e remédio, mas que os brancos chamam de ervas daninhas, erva-má ou inço.

– Para nós – ensinava meu avô –, quanto mais plantas cobrem a terra, tanto mais bonita é nossa vida.

O Rio Uruguai tinha muito peixe. Era um rio vivo! Tinha surubim, pintadão, dourado, bocudo, trairão e tantos outros. Quando as matas foram cortadas até a beiradinha, as águas diminuíram. Quando as lavouras foram lavradas intensivamente, as enxurradas trouxeram a terra solta que fechou as tocas dos peixes. Quando os venenos foram jogados nas lavouras, eles mataram o alimento nos rios. Os agrotóxicos mataram muitas formas de vida.

Nós iremos recuperar a nossa área. É um plano para longo prazo, porque a natureza precisa de tempo para curar as feridas. Precisamos ter paciência. Nossa mãe terra foi

ferida. Vamos dar tempo a ela e tratá-la bem, para que saem os ferimentos, e ela volte a cuidar de nós.

Nossa horta já se recuperou do envenenamento. Teve tempo de limpar-se. Nós não jogamos veneno nela. Por isso, ela nos dá alimento bom. Dá-nos verduras, aipim, batata-doce, inhame, alimentos que nosso grupo precisa. Temos verduras durante todo ano. Às vezes, sobra. Então, levamos as sobras para escolas e creches na cidade. Nossa mãe terra é generosa e queremos ser generosos também. Ela produz para todos os seus filhos, para os índios e para os brancos. É como todas as mães que dão seu leite aos filhos que criam.

– A terra não cobra nada pelos alimentos que nos dá – ensinava meu avô –, mas ela quer que a tratemos com respeito.

Os brancos da cidade aceitam bem os alimentos que sobram da nossa horta, porque temos amizade com eles. Existe confiança e diálogo entre nós. Também conversamos com políticos de Vicente Dutra. Eles nos conhecem.

Sobrevivemos nesse hectare e meio, porque temos muita união. Além da horta, temos o nosso artesanato, que vendemos para comprar coisas que nos faltam. A natureza é a fonte também do nosso artesanato. Ela nos dá tudo. Por isso, quando tivermos acesso à nossa terra, iremos cuidar dela com muito carinho e tratá-la bem. Queremos que ela nos dê muitas árvores e muitas espécies de plantas, grandes e pequenas, com aves, animais, borboletas e abelhas.

Iremos deixar os pássaros viver livremente, porque eles vão trazer as sementes das ervas que foram eliminadas pelos venenos. Quanto mais ervas misturadas e quanto mais pássaros, tanto mais vida a terra tem.

Agora, faz pouco tempo, começaram a construir uma barragem aqui perto. Ela é muito importante para nossos amigos brancos. Para nós, ela não interessa. Ela vai represar o grande rio e mudar o jeito dele. Não sei se isso vai ser bom. Se fosse por mim, a barragem não seria construída, mas o nosso povo não foi perguntado.

* Extraído do livro *Quem vai alimentar o mundo. Histórias de pessoas que produzem alimentos*, p. 66-70. Editora Oikos, 2011. Pedidos para silviolivros@gmail.com.